

**FERNANDO PESSOA E SOPHIA DE MELLO BREYNER  
ANDRESEN: ALGUMAS CONCEPÇÕES POÉTICAS**

*FERNANDO PERSON AND SOPHIA BY MELLO BREYNER ANDRESEN: SOME  
POETICAL CONCEPTIONS*

Alexandre Bonafim<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nesse artigo, esboçamos uma relação intertextual entre dois importantes poetas portugueses do século XX: Fernando Pessoa e Sophia de Mello Breyner Andresen. Nosso intuito foi o de estabelecer as conexões, similitudes, bem como as diferenças que margeiam e informam a obra e a cosmovisão dos dois poetas. Nesse sentido, estabelecemos uma reflexão sobre o cânone da lírica portuguesa moderna, explicitando algumas tensões, fraturas e sintonias a partir do surgimento da obra pessoana. Assim, dentro desse contexto, Sophia desponta como uma voz antitética a Pessoa, estabelecendo com ele uma fecunda reflexão sobre a poesia, sobre o ser e o homem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia portuguesa moderna. Intertextualidade. Sophia de Mello Breyner Andresen. Fernando Pessoa.

**ABSTRACT:** In this article, we outline an intertextual relationship between two important Portuguese poets of the twentieth century: Fernando Pessoa and Sophia de Mello Breyner Andresen. Our intention was to establish the connections, similarities, as well as the differences that border and inform the work and the worldview of the two poets. In this sense, we establish a reflection on the canon of modern portuguese lyric, explaining some tensions, fractures and syntonies from the appearance of the personal work. Thus, within this context, Sophia emerges as an antithetical voice to the Person, establishing with him a fecund reflection on the poetry, on the being and the man.

**KEYWORDS:** Modern Portuguese Poetry. Intertextuality. Sophia de Mello Breyner Andresen. Fernando Pessoa.

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2012). Mestre em Estudos Literários, ambos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Araraquara (2006). Professor na graduação e no POSLLI - Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. E-mail: alexandrebonafim@hotmail.com

Como sabemos, quando um autor de grandeza maior irrompe no cenário das artes de um país, todo o cânone, anterior e posterior a ele, passa por uma redefinição, uma ressignificação. Segmentos artísticos do passado passam a ser iluminados, a ganhar valor e expressão que, até então, não puderam ser plenamente explorados. Da mesma maneira, a literatura posterior ao surgimento de um grande artista sofre contundente impacto, levando às gerações seguintes a um desafio perigoso e arriscado, o de constituírem obras que possam dialogar com essa tradição recente, de maneira a imprimirem no mundo um dizer que se faça válido e necessário.

Isso não se dá apenas com o surgimento de um poeta ou romancista maior, mas de maneira geral corresponde ao jogo de forças que compõe as leituras e influências entre os autores. Para lembrar Antonio Candido (1997), isso corresponde à própria formação da literatura, o que gera uma cadeia em que leituras do passado abrem brechas criativas para o futuro, formando, enfim, o que o grande crítico define como a formação da continuidade:

Quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade

literária, – espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, é o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há Literatura, como fenômeno de tradição.” (CANDIDO, 1997, p. 24).

Digamos que, quando no cenário literário, um escritor de genialidade irrompe, tal processo sofre uma espécie de intensificação, de potencialização, levando os herdeiros do legado, recém-inaugurado pela grande voz que os precede, a um intrincado nó de dificuldades para o desenvolvimento de seus projetos artísticos.

Nesse sentido, é comum verificarmos o enfraquecimento das gerações posteriores ao surgimento da grande obra, tal como Candido (1979) verificou acontecer com a prosa brasileira advinda depois de Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Afirma o crítico:

O grande impacto renovador de Clarice Lispector nos anos 40, e o de Guimarães Rosa nos anos 50, parecem ter desnortado um pouco a ficção brasileira. Imitá-los, seria difícil, porque apresentam fórmulas demasiado pessoais, sem a racionalização teórica que permite transmiti-las, como as que serviam de base à difusão das inovações poéticas. Além disso, tanto um quanto outro se caracterizam por desromancizar o

romance, puxando-o da prosa para a poesia, do enredo para a sugestão, da coerência temporal para a confusão do tempo. E isto tudo era mais ou menos difícil de incorporar a um gênero que, ao contrário da poesia, é objeto da demanda relativamente grande por parte do público, o que obriga manter certa comunicabilidade. Por outro lado, era igualmente difícil continuar escrevendo como se aqueles dois grandes escritores não tivessem existido, porque eles abalaram padrões anteriores: os do romance de análise, que Clarice Lispector dissolveu no caleidoscópio das impressões; ou os do romance regional, que Guimarães Rosa despojou das suas cómodas muletas, o pitoresco e o realismo. Sem contar que ambos abalaram e questionaram a linguagem da ficção. (CANDIDO, 1979, p.10)

A dificuldade inerente de lidar com vozes inovadoras faz gravitar, portanto, as gerações seguintes em uma espécie de vácuo criativo, árdua barreira que eles deverão transpor.

Nesse aspecto, algo semelhante e ao mesmo tempo peculiar ocorre com a poesia portuguesa do século XX. O surgimento de uma voz singular, inovadora, altamente fértil e fecunda como a de Fernando Pessoa acabou por gerar um nó na história da literatura portuguesa moderna, levando as gerações seguintes a um permanente embate com a tradição inaugurada pelo bardo. É importante ainda ressaltar que tal processo de leitura e assimilação da

poesia de Pessoa dá-se e deu-se de forma lenta, visto o autor ter publicado muito pouco em vida e de ele ter um amplo acervo que, até os dias de hoje, é explorado. O supra-Camões, como o próprio, certa feita, identificou-se, corresponde a um momento privilegiado tanto nas literaturas de língua portuguesa, como no panorama da literatura mundial, tornando-se um dos poetas mais importantes do mundo no século XX.

Para ressaltar a expressividade de tal presença, é bom lembrar as palavras de Massaud Moisés (1988), crítico necessário para a compreensão de tal processo, ao inserir Pessoa como aquele que finalmente subverte o cânone alhures inaugurado por Camões:

[...] com base numa genialidade inata, que não exclui possíveis raízes patológicas (ele se dizia “histérico neurastênico”), conseguiu superar e enriquecer a velha herança recebida. E a tal ponto procedeu na superação e no enriquecimento das matizes poéticas portuguesas, que alcançou realizar feito semelhante ao de Camões: enquanto neste começou um ciclo poético que veio a receber o epíteto de camoniano, em Fernando Pessoa inicia-se o ciclo pessoano, evidente nas novidades que vem revelando, seja de conteúdo, seja de forma poética, aqui separados apenas por motivos de clareza. (1988, p. 331)

O ciclo pessoano, como o camoniano, inaugura uma nova linguagem que, assimilada, gera um código social literário novo, um conjunto de clichês, altamente repetidos, aos quais os autores advindos depois de Pessoa tiveram necessariamente de assimilar.

Todavia, é importante ressaltar um fenômeno díspar, diferente daquele apontado por Candido (1997), quando esse descreve a prosa brasileira pós Rosa e Lispector. Diferentemente desse período de nossa história literária, a poesia moderna portuguesa não só se adensa e ganha grande força com Pessoa, como também perpetua um conjunto de poetas posteriores que tem nos legado obras de grande impacto e expressão poética. Nesse sentido, torna-se importante lembrar o título de importante antologia organizada por Osvaldo Manuel Silvestre e Pedro Serra: “Século de ouro: antologia crítica da poesia portuguesa do século XX”. Tal século, portanto, se desvela como prodigioso, como fecundamente próspero, altamente produtivo, legando-nos uma constelação de vozes necessárias, agudamente criativas, tais como Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen, Egito Gonçalves, Carlos de Oliveira, Eugénio de Andrade, Mário Cesariny, Natália Correia,

Alexandre O’Nell, António Ramos Rosa, David Mourão Ferreira, Alberto de Lacerda, João Rui de Sousa, Ana Haterly, Herberto Helder, Albano Martins, Ruy Belo, Pedro Tamen, Manuel Alegre, Maria Teresa Horta, Luiza Neto Jorge, Al Berto, Fíama Hasse Paes Brandão, António Franco Alexandre, Nuno Júdice, Luís Miguel Nava, Daniel Faria, dentre muitos outros. Um dos segredos, ao meu ver, do sucesso de todas essas gerações, dá-se talvez pela coragem de assumir as naturezas fecundas do lirismo nacional. Portugal, como o próprio Massaud Moisés (1988) nos salienta, é essencialmente um país lírico, um país conectado com a sentimentalidade humana universal, doçura da alma saudosista, muitas vezes melancólica, altamente existencial, sofridamente filosófica.

Nesse aspecto, uma voz ganha vulto na era pós Pessoa, não apenas por se dissociar desse lirismo tipicamente português, como também por definir uma escrita que, confrontada com a de Pessoa, faz-se pelo processo de antítese. Refiro-me a Sophia de Mello Breyner Andresen, cuja escrita do objetivismo, do olhar fincado na matéria, da linguagem concreta e sensível, sem grandes abstrações de ordem sentimental, ligada muito mais a uma

tradição de poetas do sensível, tais como Francis Ponge, William Carlos Williams, João Cabral de Melo Neto e, mais recentemente, os poetas concretistas brasileiros.

Em muitos aspectos, apesar de possíveis e tangentes semelhanças, uma diferença de cosmovisão marca as perspectivas poéticas de Sophia e de Pessoa. A obra desse último, como se sabe, apresenta-se com diferentes faces e nuances, poesia que em certas situações se expressa por um lirismo antitético, conjugando vertentes e virtualidades poéticas ora de uma tendência, ora de outra, com sutil e arguta distinção de dicções, de texturas, de linguagens. É essa versatilidade no uso da língua portuguesa, inclusive, dom para raros, que permitiu a Pessoa criar os heterônimos, imprimindo para cada um não somente uma personalidade, mas sobretudo uma tipologia textual específica, com características linguísticas bem definidas, além de escolhas filosóficas específicas para cada uma de suas personas. Para além disso, para cada máscara, o autor “fingirá”, com sinceridade e veracidade, o mundo por um viés diferente. Pensar, para Pessoa era, antes de tudo, inventar e, nesse sentido, ao analisarmos o poeta pela sua obra, torna-se difícil estabelecer

uma cosmovisão una, como de praxe a crítica literária faz com um dado autor.

Dessa maneira, para garantir esse jogo de máscaras vivas, o escritor de Mensagem trabalha, em toda a sua obra, com paradoxos, a fim de garantir as múltiplas forças desse caleidoscópio de subjetividades, esse mosaico de personalidades. Toda a escrita pessoana é feita de contradições, de ideias complementares e antitéticas, de opiniões várias e insociáveis. “Os heterônimos são pelo menos complementares, verso e reverso da mesma moeda: o que um nega, o outro afirma, e vice-versa.” (MOISÉS, 1988, p.30). Por “outro lado, os heterônimos não são coerentes como um silogismo: a sua própria visão da realidade é paradoxal, em razão de a obra escrita de cada um deles apresentar-se repassada de assertivas contraditórias”. (p. 31). Nesse sentido, afirma o próprio Pessoa: “Se alguma vez fui coerente, é apenas como uma incoerência de incoerência” (p. 31). Torna-se, portanto, arriscado traçar comparações de perspectivas de mundo entre Sophia e um poeta que, no fundo, é marcado pela pluralidade. Entretanto, e nisso não estamos buscando uma unidade em meio a dispersão que constitui a obra de Pessoa, podemos

vislumbrar uma raiz ontológica, digamos assim, que está no cerne e na origem de toda a obra do autor de Mensagem.

Como afirma Leyla Perrone-Moisés, a questão essencial de toda a obra de Fernando Pessoa é a “do sujeito na linguagem” (1982, p.93). Nesse sentido, toda a criação do autor nasce de uma fome ontológica, de uma permanente e inquietante reflexão sobre o lugar do ser na linguagem e a dispersão e fragmentação desse ser. “O milagre de Pessoa é justamente o de conseguir dizer o mesmo de tantas formas que este é sempre outro. Mas, se formos extrair os temas dos arranjos, desembocaremos sempre na mesma questão fundamental: a do sujeito tentando constituir-se, em luta entre a identidade e a alteridade” (p.93-94). “[...] o que acaba por predominar é a eterna pergunta do sujeito ante o objeto: quem sou? E a resposta: ‘Não sou nada.’” – (p94). Isso resulta numa implosão do sujeito, na perda total da utopia de que o eu é um ente, um ser em completude, uma identidade que se reconhece como una e total. Essa explosão do eu quebra uma cadeia histórica que se inicia na Grécia antiga com o “Conheça-te a ti mesmo” de Sócrates, perpetua-se pela crença da alma pelos cristãos, atingindo um dos pontos altos com o “Penso, logo existo”

de Descartes. O cogito ocidental, criado ao longo de milênios, encontrará no século XX uma espécie de xeque mate, com o advento da psicanálise, que cinde o eu em várias instâncias (id, ego e superego), com o inconsciente coletivo de Jung e com a crise da linguagem em Wittgenstein, para citar alguns dos diversos exemplos. Toda essa crise do eu foi prenunciada ou experienciada por Pessoa de forma exemplar e genial. Entretanto, não é exatamente essa fragmentação o que é típica dessa crise. Como afirma Perrone-Moisés (1982, p.96): “A sensação de ser diverso, variável, múltiplo, nada tem de filosoficamente ou psicologicamente novo; o que é original em Pessoa, e radicalmente moderno, é a experiência de certo ‘sujeito vazio’, que não se beneficia mais do conforto logocêntrico, nem se ilude mais com a falsa unidade ‘profunda’ da pessoa psicológica” . A autora traça esse processo ao longo da história do pensamento Ocidental, situando-nos com precisão o lugar de Pessoa no panorama intelectual de nossa cultura:

“É evidente que o sujeito pessoano não é mais o ego cartesiano nem o Um sintético de Hegel. Na verdade, a crise do sujeito tal com ela se manifesta em Pessoa já se prenunciava em Kant. Para Kant, o sujeito não pode ser objeto de conhecimento; não é substância (como antes em Descartes) nem um devir (como depois em

Hegel)” [...]“Ora, Pessoa, como outros pensadores e artistas da modernidade, desvenda o logro dessa unidade subjetiva. Apesar de respeitáveis tentativas críticas de recuperar, em Pessoa, uma unidade e um centro, o convívio com sua poesia revela, a cada passo, que essa unidade e esse centro estão nele irremediavelmente negados” – (PERRONE-MOISÉS, 1982, p.98)

Se pensarmos Sophia como uma das primeiras vozes dessa nova era pessoana, a autora, como todo escritor digno de nome, não somente teve de empreender uma fecunda leitura da obra pessoana, como também definir, perante ela, uma postura crítica, bem como o lugar que ela mesma, enquanto poeta, ocuparia dentro da literatura portuguesa. Sophia precisava, pela gravidade do momento, dizer porquê e a que veio num esforço muito maior daquele que ocorreria em outro tempo histórico. Ela era fatalmente herdeira de Pessoa e como qualquer escritor das gerações que sucedem o autor de Ode marítima, Sophia deparou-se com o imenso fardo dessa conquista, ante a qual, não poderia ficar infensa. Restou a ela, como a todos os demais descendentes dessa nova tradição, empreender escolhas, no mais íntimo da criação de sua obra, a fim de assimilarem e redefinirem novos rumos para a lírica portuguesa. Nesse sentido, Sophia,

diferentemente de Pessoa, escolhe um caminho inverso desse, distanciando-se, até certo ponto, da crise da subjetividade e da própria linguagem enquanto expressão de um eu. Ela opta por outro viés filosófico, também contundente e marcante para nossa tradição ocidental, em que o ser é presença autêntica e se faz em plenitude justamente pela linguagem. Refiro-me à filosofia do Ser de Martin Heidegger (2012.a). Para esse filósofo, “arte e poesia são essencialmente formas do Ser se revelar” (apud Giles, 1975, p. 274). Dessa maneira, para o pensador alemão, a “arte não é primeiramente beleza nem criação, e sim a revelação do Ser” (p.274). Na famosa Carta sobre o humanismo, Heidegger expressa: “A linguagem é a casa do ser. Em seu abrigo habita o homem. Os pensadores e poetas são os guardiões desse abrigo [...]” (Heidegger 1957a, p. 25). Nesse aspecto, para Heidegger, assim como para Sophia, a linguagem desvela, abre o ser, dá ao mundo o próprio ser, porque a linguagem é a sua morada. Nesse sentido, a poesia é “revelação, desocultamento original.” (p. 281). Afirma Benedito Nunes (2008), em sua análise da obra heideggeriana:

Poetizar, dizer poeticamente é, antes de tudo, “dichten”: mostrar,

tornar a coisa visível, manifestá-la de forma particular numa configuração rítmica, que, por sua vez, atende a uma disposição anímica. Hölderlin teria nomeado os deuses, expressando os sinais que os tornassem visíveis. [...] A nomeação, que não se esgota em dar nomes, chama, diz, invoca e evoca, trazendo à presença as coisas nomeadas [...]. Esse apresentar que mostra reunindo é o canto, melos. (NUNES, 2008, S.P.)

Esse nomear desvela a própria beleza, entendida por Heidegger como a manifestação plena do Ser, e isso só pode acontecer pela obra de arte:

Quando a beleza do ser se realiza na obra de arte, há beleza, pois a beleza não é outra realidade senão essa manifestação que pertence ao acontecer da verdade. A verdade a que pertence a beleza é a verdade do Ser, e não era outra coisa para a grande parte e para os primeiros pensadores da Grécia. Só essa mútua pertinência da verdade e da beleza explica as sucessivas transformações da verdade do Ser em íntima conexão com a beleza. A beleza vem a coincidir, como princípio, com a verdade, mas já não com a verdade do Ser, e sim com verdade que é resultado da consumação da metafísica: a verdade do sujeito. (GILES, 1975, p. 43)

Disso resulta o caráter fundador da poesia:

“A essência da poesia é fundar. Poetizar é um radical fundar. Que é que funda o poetizar? O ser. Portanto o mundo, as coisas, Deus. Que é fundar? Abrir o ser, fazer parecer o mundo, dizer a essência das coisas, nomear Deus. Ser, mundo, coisas, Deus forma o elemento em que se desenvolve a existência humana.” (p.283)

O dizer do poeta, portanto, é “fundamentação da existência humana.” (p. 283).

A íntima relação da obra de Sophia com as diretrizes heideggerianas são admiráveis e nos faz perceber o quanto a escritora portuguesa, em momento delicado e sensível da história literária do seu país, resgata um caminho que a confirma como uma grande voz de sua geração e da era pós-Pessoa. Apreender alguns pensamentos de Heidegger quase nos faz escutar a própria poeta de Mar novo a dizer-nos o que é a poesia. Como exemplo, citamos alguns excertos dos cinco famosos poemas intitulados *Arte Poética*, distribuídos entre seus diversos livros de poemas. No primeiro deles, Sophia expressa-se a respeito da verdade da beleza, bem semelhantemente a Heidegger: “[...] eu sei que a palavra beleza não é nada, sei que a beleza não existe em si mas é apenas o rosto, a forma, o sinal de uma verdade da qual ela não pode ser separada. Não falo de uma beleza estética mas sim de uma beleza poética” (ANDRESEN, 2012, p.837). Aqui também como em Heidegger temos a beleza como a expressão da verdade, dessa verdade universal do próprio Ser. No segundo poema, Sophia confirma, assim como o faz Heidegger, o poder



demiúrgico da palavra enquanto  
desvelamento do real:

Pois a poesia é minha explicação com o universo, a minha convivência com as coisas, a minha participação no real, o meu encontro com as vozes e as imagens. Por isso o poema não fala de uma vida ideal mas sim de uma vida concreta: ângulo da janela, ressonância das ruas, das cidades e dos quartos, sombra dos muros, aparição dos rostos, silêncio, distância e brilho das estrelas, respiração da noite, perfume da tília e do orégão. (p. 839)

Isso fica ainda mais tangente na terceira  
*Arte poética*:

Sempre a poesia foi para mim uma perseguição do real. Um poema foi sempre um círculo traçado à roda duma coisa, um círculo onde o pássaro do real fica preso. E se a minha poesia, tendo partido do ar, do mar e da luz, evoluiu, evoluiu sempre dentro da sua busca atenta. Quem procura uma relação justa com a pedra, com a árvore, com o rio, é necessariamente levado, pelo espírito de verdade que o anima, a procurara uma relação justa com o homem. (p. 840)

Dessa maneira, Sophia heideggerianamente é uma poeta do Ser. E tal ser, evidentemente, apresenta-se inconsútil, sem costuras, manifestando-se na plenitude de sua inteireza. O real por sua vez desvela-se em esplendor, pela abertura que o ser lhe permite. Lembrando Heidegger (2012.a), assim como para Sophia (2012), “a obra de arte

abre um mundo e o deixa subsistir. Mundo no sentido de abertura pela qual as coisas adquirem permanência e urgência, vizinhança e distância, amplitude e estreiteza. O mundo é o espaço que torna possível o advento dos deuses” (p. 280). Para Sophia, portanto, o real é uma verdade justa, um reino de perfeição, desvelado pela força demiúrgica da poesia.

Aqui podemos vislumbrar a complexidade que se torna pensar tal projeto ante os caminhos seguidos por Fernando Pessoa. Conceitos como verdade, ser, real relativizam-se e ganham o estatuto do fingimento sincero, dramatização que funciona como um jogo de máscaras, por detrás do qual não acessamos mais as verdades absolutas. Nesse sentido, Alberto Caeiro seria, ao nosso ver, a única conexão possível entre Sophia e Pessoa, mas mesmo nesse caso, estamos diante de uma ficção da ficção do pensar o real. Isso já não corresponderia a verdade desnuda e plena que é a própria poesia para Sophia e Heidegger. Sophia é a poeta da abertura do ser ao real, nesse aspecto a materialidade do mundo é que lhe importa. É uma poeta voltada para o fora de si, já Pessoa é o poeta voltado e devotado ao si. Perder-se no eu e seus

desvãos, tornar o próprio ser labirinto, essa é árdua tarefa pessoana.

Quando pensamos na questão do que seria, por exemplo, a verdade para Pessoa, nesse caso seria interessante lembrar um lúcido artigo de Jorge de Sena, em que ele aproxima o poeta de Mensagem a Nietzsche. Afirma-nos o filósofo alemão: “O conceito de verdade é um contra-senso. O domínio do verdadeiro-falso refere-se às relações entre as essências, não ao em-si [...]. Não existe essência em si” (NIETZSCHE apud SENA, 1982, p. 99). A mentira, assim, torna-se mais que mero erro da sensibilidade, mas essencialmente “o engano da própria vivência existencial na medida em que ignora a estrutura fenomenal da verdade.” (p. 99). Como se dá, para Nietzsche essa mentira, digamos, ontológica? Pela superação do conceito de personalidade unívoca. Como afirma Jorge de Sena (1982, s.p.), da não existência da essência em si “decorrerá que a verdade em poesia, aquela verdade não perturbada pelos factores ocasionais, e aquela verdade que é visão, resultarão da elisão da antinomia verdadeiro-falso, elisão essa que irá processar-se através de um ultrapassamento do em-si do poeta”. Ou seja, multiplicação do eu em vários *eus*, o que já nos coloca frontalmente com

uma concepção de mundo, já de antemão, pessoana, ou melhor, a expressão em filosofia do que será a própria poesia para Pessoa. Uma íntima conexão, portanto, dá-se entre a quebra do dualismo verdade-mentira e a própria multiplicação do eu. Se não há mais verdade no mundo, muito menos haverá no conceito de eu, esse eu que necessita, para existir, ser o que não é, ser outros em dispersão e fuga. Em **Além do bem e do mal** o filósofo nos esclarece:

[...] fundamentalmente inclinamo-nos a manter que as mais falsas opiniões [...] são-nos indispensáveis; sem reconhecimento das ficções lógicas, sem uma comparação da realidade com o mundo puramente imaginado do absoluto e do imutável, [...] o homem não poderia viver – que a renúncia às opiniões falsas seria uma renúncia à vida, uma negação da vida. (NIETZSCHE apud SENA, 1982, p. 101).

Toda essa concepção do falso como verdadeiro passou ao largo em Sophia que, conhecedora profunda da obra pessoana, optou por um caminho que desfizesse esse nó. A busca da verdade foi-lhe uma obsessão e dessa busca, inclusive, ela equilibrou sua visão ética da vida. A poesia, lembrando um verso da própria autora, “propõe ao homem a verdade e a inteireza do seu estar na terra”.

Dois poetas de dimensões e sentidos distintos que, no entanto, formarão dois

polos cruciais, pelo qual a lírica portuguesa do século XX irá se sustentar. Um é o poeta do eu esfacelado, da realidade feita escombros e simulacro, o outro, o da verdade do ser e justiça do real. Essa oposição, por sua vez, só irá

enriquecer a poesia de Portugal, tornando-a múltipla e permitindo a eclosão de diversas vozes, numa algaravia de grande riqueza filosófico-poética.

#### REFERÊNCIAS:

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética*. Lisboa: Caminho, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A literatura brasileira em 1972**. In: *Artes em revista*, Ano 1, 1979. Disponível em [revistaiberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/3388](http://revistaiberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/3388). Acessado em 20/02/2018.
- GILES, Thomas R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: Edusp, 1975.
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schubak. - 6. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012a.
- MOISÉS, Massaud. **Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1988.
- NUNES, Benedito. in: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302000000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000100004)
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa – quem do eu, além do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- SENA, Jorge de. **Fernando Pessoa & C<sup>a</sup> Heterónima**. Volumes 1 e 2. Lisboa: Edições 70, 1982.